

A ATIVIDADE PARAFRÁSTICA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO DO TEXTO EM CONTEXTO ESCOLAR

Cássia Regina Coutinho SOSSOLOTE
Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Campus de Araraquara
sosso@fclar.unesp.br

Resumo: Quando se trata de compreender o processo de produção e de reconhecimento de formas pelos indivíduos na instância do texto, há consenso entre os estudiosos da linguagem a respeito do fato de que a atividade parafrástica, entendida como um recurso metodológico de aproximação dos textos, desloca os sentidos produzidos pelo enunciador-autor, ainda que estes deslocamentos sejam sutis. O presente trabalho tem como objetivo divulgar parte da atividade de pesquisa realizada com as fábulas, de Esopo, no sentido de demonstrar as variações sintático-semânticas que derivaram da leitura de narrativas fabulares. Parte-se do princípio no artigo que segue de que *a parafrase* está implicada na localização de *noções* que se materializam no interior dos enunciados mesmo quando os indivíduos identifiquem intenções de significação no texto derivadas da construção de conceitos distantes entre si. Disto decorre a concepção de que a atividade parafrástica seja de natureza intervalar.

Palavras-chave: atividade parafrástica; enunciação; intervalo semântico.

O presente artigo intitulado *A atividade parafrástica no processo de construção de sentidos do texto em contexto escolar* pretende, por meio das problematizações que serão realizadas, inserir-se em um debate maior relacionado à proposição do grupo temático denominado *Do texto de apoio à produção textual: a construção do sentido no texto escolar*.

O corpus do qual partiremos para refletir a respeito da atividade parafrástica constituiu-se com base nas fábulas de *Esopo*.

Embora não tenhamos como objetivo levantar um conjunto de discussões sobre os gêneros discursivos, a fim de demonstrar em que medida eles constituem uma categoria operatória para o ensino da Língua Portuguesa, estudos realizados em outro momento com as fábulas gregas mostraram-nos o quanto as propriedades deste gênero contribuem para o aprofundamento de questões teóricas deflagradas pela *Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas* – TOPE, de Antoine Culioli, principal referência para as discussões que serão feitas neste artigo.

De pronto, o leitor já poderia negar o valor do artigo que ora apresentamos, indagando-nos sobre uma questão central que diz respeito às escolhas que fizemos. Seria legítimo perguntar se não estaríamos nos apropriando da *Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*, de Antoine Culioli, de maneira equivocada, na medida em que esta teoria servirá de ponto de partida para operar com o conceito de *gênero de discurso* com o qual provavelmente Culioli estabelecerá relações polêmicas.

É sabido por estudiosos da TOPE que não há espaço, nesta teoria, para operarmos com categorias prontas. Estudiosos da *Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*, como Rezende (2010) e Onofre (2003), têm chamando atenção, de maneira recorrente em seus trabalhos, para o fato de que a teoria culioliana, à diferença das teorias hegemônicas no campo da Linguística, constitui uma teoria de base operatória. Em decorrência deste fato, as *categorias* herdadas da tradição gramatical greco-latina ou a concepção de *signo* não poderiam constituir o ponto de partida da TOPE, pelo fato de *a palavra* e de *o signo* constituírem ou categorias pré-existentes às línguas naturais ou categorias que emanam do

sistema. Tanto em um caso como em outro, os indivíduos estariam ausentes da atividade que as constituem.

Como não se trata de trabalhar nem com categorias extralingüísticas nem com categorias lingüísticas das quais os indivíduos teriam de se apropriar, mas de surpreender, por meio de protocolos lingüísticos, a própria atividade do sujeito que se encontra no âmago da atividade de linguagem a construir representações por meio de operações mentais que ganhariam contorno na instância das línguas naturais por meio do processo de referenciação, não haveria tampouco lugar para os *gêneros de discurso* na *Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*, pois tanto quanto as *palavras* e o *signo*, eles constituem uma categoria, de discurso, da qual não conseguimos estabelecer as relações que existiriam entre ela e a própria atividade de linguagem realizada pelo sujeito, de caráter processual. Observe-se que os gêneros do discurso são definidos sempre em relação a práticas sócio-históricas.

No estágio em que nos encontramos em que não conseguimos explicar a gênese dos *gêneros de discurso* a partir de operações de natureza sócio-cognitivas, o autor que nos servirá de referência será LIMA (1984), o primeiro a identificar propriedades da fábula nunca antes descritas. Para LIMA, (1984), “a fábula é composta de três subunidades: uma subunidade figurativa mínima seguida de outra subunidade metalingüística mínima que articula a uma subunidade temática mínima”. (LIMA, 1984, p.).

Apesar de Sossolote tê-las descrito em alguns de seus trabalhos, o texto de Lima constitui a melhor referência para o leitor que deseja localizar o primeiro artigo que trata das propriedades da fábula de uma perspectiva que rompe com a crítica sobre este gênero de discurso.

A fim de que o leitor visualize as partes que a constituem, citaremos uma fábula analisada, de maneira exaustiva, em Sossolote (2003) tal como foi traduzida por Dezotti (1991).

O asno que carregava sal¹

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer, afogou-se ali mesmo.

Assim, também, certos homens não notam que se arrastam para desgraças, devido às suas próprias resoluções (ESOPO apud DEZOTTI, 1991, p. 19)

Para Lima (1984), a *subunidade figurativa mínima* que corresponde à instância narrativa seria aquela que se encontra compreendida entre as linhas de 1 a 7; a *subunidade metalingüística mínima* corresponde à expressão *assim*, que encabeça a linha 09 e a *subunidade temática mínima* que se articula a subunidade figurativa mínima por meio da subunidade metalingüística mínima seria [...] *também, certos homens não notam que se arrastam para desgraças devido às suas próprias resoluções*.

Com efeito, porque nos pareceu oportuno tomar a fábula que constitui um gênero de discurso para discutir *A atividade parafrástica no processo de construção de sentidos do texto*

¹ O espaçamento que corresponde à linha 8 não existe no texto original. Ele foi inserido bem como foi colocado itálico nos enunciados que se encontram nas linhas 9-10, a fim de que as partes constitutivas da fábula se tornem visíveis ao leitor.

em contexto escolar em um grupo temático intitulado Do texto de apoio à produção textual: a construção do sentido no texto escolar?

Inicialmente, em virtude de dois motivos que passaremos a explicitar.

O primeiro está relacionado ao fato de Lima (1984) ter considerado que *a subunidade metalingüística mínima* apresenta traços que sinalizam o *eu, aqui e agora* da enunciação.

Foi esta concepção que nos fez acreditar que seria possível apresentar a narrativa da fábula aos alunos sem *a subunidade metalingüística* e sem *a subunidade temática mínima* que a constituem, solicitando que tentassem reconhecer com que intenção de significação a narrativa da fábula foi produzida. Considerávamos que por meio deste exercício escolar os alunos pudessem reconhecer os usos que se fazia da fábula na Antigüidade Clássica.

No entanto, ao contrário do que esperávamos, os alunos reconheceram outros significados na narrativa, no exercício escolar que estávamos realizando com os estudantes que estavam fazendo a licenciatura em Grego e Latim para quem ministramos *Prática de Ensino de Língua Estrangeira I e Prática de Ensino de Língua Estrangeira II*.

Apresentaremos, na seqüência, apenas três exemplos da atividade realizada.

Ei-los:

O ASNO QUE CARREGAVA SAL

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que para diferentes situações, diferentes soluções. (VLFS²)

O ASNO QUE CARREGAVA SAL

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que o tolo quando se deixa levar pela esperteza se prejudica. (FDT³)

O ASNO QUE CARREGAVA SAL

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais

² VLFS corresponde às iniciais do nome de uma aluna participante da atividade descrita.

³ FDT corresponde às iniciais do nome de um aluno participante da atividade descrita.

ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que a inteligência em benefício de coisas vis é punida.
(FRSS⁴)

Com efeito, a proposição de moralidade às fábulas pelos alunos da *Prática de Ensino de Grego e Latim* sem o recurso à moral que se encontra na fábula original tornou possível demonstrar por meio da atividade de leitura que os enunciadores quer se apresentem como *falante* ou *ouvinte*, *escritor* ou *leitor* realizam a mesma atividade de linguagem que se mostra na própria construção da significação.

Se encontramos dificuldade em convencer nossos alunos de que *ouvinte* e *leitor* são produtores de significação tanto quanto *falante* e *escritor* é somente porque estas atividades são invisíveis à percepção de quem observa a atividade que *ouvinte* e *leitor* realizam.

O segundo motivo que nos levou a refletir a respeito da *atividade parafrástica* no grupo temático *Do texto de apoio à produção textual: a construção do sentido no texto escolar* está relacionado ao fato de não precisarmos recorrer à apresentação de uma coletânea ou de um texto de apoio quando operamos em sala de aula com textos que apresentam em alto grau as propriedades da fábula.

Ainda que na atividade de “produção e de reconhecimento de formas, que constituem a própria atividade de linguagem”, segundo CULIOLI, 1990, p. 14, o resultado seja a produção de uma outra fábula pelos alunos, o fato de a narrativa da fábula dos graduandos e da fábula de Esopo ser a mesma nos leva a crer que, de maneira não-intencional, dialogamos criticamente com um modelo de interpretação de textos hegemônico em contexto escolar. Em outro artigo, demonstramos que, apesar de os personagens da fábula serem definidos como se fossem animais antropomorfizados, os graduandos, no momento do reconhecimento da intenção de significação do fabulista, identificaram que a narrativa fabular fala de homens e para homens.

Acreditamos, assim, que, durante o processo de interpretação das fábulas, fica evidente para os alunos a imprecisão das definições propostas para os diferentes gêneros no processo de escolarização. Um dos problemas com implicações para a produção de textos está ligado, portanto, não somente ao quanto se lê, mas aos modos de leitura.

Desloquemos o foco de atenção, neste momento, para a atividade parafrástica tal como a concebemos, inicialmente, quando os alunos foram incentivados a reconhecer a intenção de significação com que a narrativa fabular foi produzida. *Paráfrase* constituía para nós uma atividade de reescritura da narrativa na moralidade, momento em que se passaria de episódios narrativos para um enunciado que constitui um embrião de uma dissertação, uma vez que se apresenta na forma de tese ou com a generalidade de uma tese. Esperávamos, por isso, encontrar enunciados, na *subunidade temática mínima*, com variações sintático-semânticas sutis entre si, muito próximos do sentido da moralidade da fábula de Esopo.

Como os sentidos reconhecidos pelos leitores que estavam fazendo a Licenciatura em Letras Clássicas não foram “os mesmos”, já que eles apresentaram variações sintático-semânticas consideráveis, passamos a considerar a *atividade parafrástica* uma atividade de “produção e de reconhecimento de formas” pelos indivíduos que podem incidir em diferentes intervalos dos enunciados.

É o que mostra os enunciados que buscam espelhar o percurso de interpretação feito pelo aluno.

⁴ FRSS corresponde às iniciais do nome de um aluno participante da atividade descrita.

O ASNO QUE CARREGAVA SAL

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que para diferentes situações, diferentes soluções. (VLFS)

O asno quis utilizar-se de um mesmo expediente (que descobrira por acaso), para aliviar-se de sua carga. Deu-se mal, pois o efeito foi inverso daquele que esperava. Sua carga tornou-se ainda mais pesada (no primeiro caso era sal, no segundo, esponjas). (VLFS)

O ASNO QUE CARREGAVA SAL

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que a inteligência em benefício de coisas vis é punida. (FRSS)

Na fábula apresentada, pode-se notar uma forma de censura à esperteza ardilosa, ao uso da inteligência em benefício de algo condenável, no caso presente a preguiça. O asno que figura na fábula, em um primeiro momento, cai em um rio e como carregava sal, a carga se dissolve na água, tornando assim o seu fardo mais leve. Com esse acidente, o animal aprende um ardid, para fugir de seu trabalho, o que o leva a lançar mão do mesmo artifício uma segunda vez, só que agora com uma carga diferente – esponjas, que absorvem a água fazendo com que sob seu peso o asno se afogue. Daí poder-se extrair a lição de que o “mau” uso da inteligência em benefício de coisas vis deva ser punido. (FRSS)

O ASNO QUE CARREGAVA SAL

Um asno que carregava sal estava atravessando um rio quando escorregou e caiu na água. E como o sal se dissolvera, ele se levantou e saiu mais leve. Exultante com isso, tempos depois quando carregava um frete de esponjas ele chegou à beira de um rio e supôs que, se caísse de novo, iria sair mais ágil. Então ele escorregou de propósito. Aconteceu, porém, que as esponjas absorveram a água e ele, não conseguindo erguer-se, afogou-se ali mesmo.

A fábula mostra que o tolo quando se deixa levar pela esperteza se prejudica. (FDT)

O final trágico destinado ao asno é fruto da esperteza instigada pela sua tolice que o fez achar que se livraria do peso da carga pela segunda vez, sem que ele soubesse o que carregava. (FDT)

O que aprender com a *Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*, de Antoine Culioli?

Ainda que não tenhamos manipulado os dados de língua que nos permitiria partir do texto e levantar hipóteses sobre o processo de construção das *noções* pelos indivíduos, consideradas pela TOPE como um feixe complexo de propriedades físico-culturais que não se confundem com rótulos, etiquetas, ou com entidades reais, consideramos que a manipulação de enunciados produzidos pelos alunos em relação à narrativa pode abrir caminho para que os alunos saibam operar os enunciados reconhecidos com base na narrativa em contextos reais de enunciação. Eis um caminho para a regulação dos sentidos produzidos na moralidade em função da situação de enunciação, dos enunciadores e da intenção de significação.

Referências Bibliográficas

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations**. Paris: Ophrys, 1990. 225p.

DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (Coord.). **A tradição da fábula**. Araraquara: FCL-Unesp, 1991. 71p. (Textos, n.8).

LIMA, Alceu Dias. A forma da fábula: estudo de semântica discursiva. **Significação**, São Paulo, n.4, p.61-9, 1984.

ONOFRE, M.B. **Operações de linguagem e implicações enunciativas da marca “se”**. 2003. 192f. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.

REZENDE, L. M. Contribuições da teoria das operações predicativas e enunciativas para o ensino de línguas. **Versão Beta**, São Carlos, Especial II, n.58, p. 07-28, set. 2010.

SOSSOLOTE, Cássia Regina Coutinho. **A recepção do discurso alegórico da fábula**. Araraquara, 2002. 428p. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Araraquara, 2003.